

entrevista

por João Umberto Nassif
joanassif@gmail.com

"Melhoramento genético é a minha paixão"

Paulistano de origem alemã, Roland Vencovsky é o entrevistado do jornalista João Umberto Nassif

Roland Vencovsky possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (1958), mestrado em Experimental Statistics - North Carolina State University (1967) e doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas pela USP em 1960. Foi professor visitante na University of Minnesota (1974-1976), na North Carolina State University (1990-1991) e na Universidade Federal de Goiás (2000-2003). Obteve a livre docência pela Esalq/USP (1970) e o título de professor titular em 1994. Foi Chefe Geral do Centro Nacional de Milho e Sorgo da Embrapa (1979-1984). Orientou 77 teses e dissertações na área de concentração de Genética e Melhoramento de Plantas da Esalq/USP e na UFG e publicou 152 artigos em revistas científicas nacionais e internacionais e diversos capítulos de livros. É autor do livro Genética Biométrica e do livro Melhoramento. Agradado com a Comenda da Ordem do Mérito Científico pelo Presidente da República em 2002, foi eleito membro titular da Academia Brasileira de Ciências em 2005 e membro titular da Academia de Ciências do Estado de São Paulo em 2008. Atualmente, é professor titular permissão da Universidade de São Paulo.

O senhor é natural de qual cidade?

Nasci em São Paulo a 10 de junho de 1936, no Hospital Oswaldo Cruz, meus pais moravam em Pinheiros em travessa da rua Teodoro Sampaio. Tenho três irmãos: Ernesto, Elfride, Manfred. Meus pais são Otto e Catarina Vencovsky. Minha mãe é natural de uma colônia de alemães do interior do Paraná. Meu pai nasceu em Viena. Ele veio ao Brasil em 1920, após a Primeira Guerra Mundial. Vieram os meus avós, tios. Na década de 30 eles passaram a representar empresas alemãs de produtos químicos, principalmente Bayer. Com o início da Segunda Guerra Mundial, a importação de produtos da Alemanha foi interrompida. Eles venderam as propriedades que tinham em São Paulo e adquiriram uma fazenda em Atibaia, em 1946. Foi difícil ele sustentar uma família sem ser especializado em área agrícola, sofreu muito. Ele produzia carvão com eucalipto e produzia aguardente fruto das plantações de cana, era destilada e engarrafada lá recebendo o nome de "Macumba". Guardo até hoje o rótulo dessa cachaca. Vendia bem, o segredo era que ele vinha buscar o fermento da cachaca em Campinas. Era o traque dele. Ele pegava cepas de linhagens puras. Uma vez por ano ele renovava o fermento e sempre saía uma pinga boa.

Antes de mudar para Atibaia o senhor tinha frequentado escola em São Paulo?

Tinha feito o primário no Colégio Visconde de Porto Seguro, por volta de 1942 a 1943. Quando mudamos para Atibaia fiz o ginásio e o colégio no Colégio Atibaense. Ficava a 16 quilômetros da nossa fazenda, onde morávamos ficava a quatro quilômetros da Estação Campo Largo. No período em que fiz o ginásio ia de trem pela Estrada de Ferro Braganantina, ligada a SPR, São Paulo Railway. Era um ramal que saía de Campo Limpo e ia até Bragança Paulista. Era a locomotiva a vapor, a Maria Fumça, soltava fagulhas que atingiam nossas roupas, cabelo. Depois colocaram a máquina a diesel, perdeu-se o encanto. Só havia dois

trens, um de manhã e outro à tarde. Quando passei a estudar o colégio fui residir com parentes.

Nesse período ocorria a Segunda Guerra Mundial, no Brasil alemães, japoneses, italianos e descendentes sofreram algum tipo de discriminação?

Eu era um menino quando senti isso, um grupo de garotos me perseguiu, sai correndo. Havia um estímulo por parte de alguns políticos em menosprezar pessoas dessa origem. Senti isso na pele. Passei muito medo. Tínhamos um rádio em casa, era da marca "Mende", sintonizávamos a Deutsche Welle GmbH. Na época havia um fiscal do governo, chamado popularmente de "secreta", ele nos visitava periodicamente para saber se o meu pai não tinha atividade subversiva. Depois que o Brasil entrou para a guerra meu pai desligou e guardou o rádio. Não ligou mais.

O senhor trabalhava em Atibaia?

Eu deveria ter 17 anos, trabalhava no serviço de alto falante que existia na praça central, toda noite fazia propaganda e colocava discos para serem tocados. Dizia-mos que era "A Maior Potência Radiônica da Zona Braganantina" atingia só a praça central da cidade! Na época não havia emissora de rádio.

Como se deu o seu ingresso na faculdade de agronomia?

Após terminar o colégio fui fazer agronomia. Eu tinha um companheiro de colégio, seu pai era proprietário da empresa de sementes Agroceres. Esse meu amigo é que me convenceu a fazer agronomia em Viçosa. Fiz um exame de seleção e ingressei. Trabalhei na Rádio Montanhesa em Viçosa, apresentava aos domingos música erudita. Após dois anos em Viçosa fiz a minha transferência para Piracicaba, isso foi em 1957 a 1958. Apresentei-me ao proprietário da PRD-6, Rádio Difusora de Piracicaba, o Sr. Aristides Figueiredo, ele tinha um Chevrolet Fleetline preto, fiz um teste e por três anos trabalhei como locutor comercial. Lembro-me de propagandas que fazia na época, como de "Ao Cardinalli", da empresa que oferecia cinco máquinas de costura para serem sorteadas.

O senhor usava algum nome artístico?

Usava! Quem me deu o nome artístico de "Luiz Rolando" foi o Francisco Caldeira, que mais tarde assumiu a Rádio A Voz Agrícola do Brasil. Com isso, o pessoal não relacionava a minha pessoa com o Luiz Rolando! Foi uma época muito romântica! Quando o titular faltava cheguei a fazer programa no auditório da Rádio Difusora. Que estava na moda era o cururu.

Qual é o fascínio que a genética exerce em quem a estuda?

A genética tem um papel fundamental na área agro-industrial, é o melhoramento ou aprimoramento genético. Essa é a principal aplicação. A maioria dos nossos alimentos, vegetais e animais, não provém de espécies nativas, são de espécies modificadas. O homem

vem modificando as espécies por vários séculos. A genética se aplica para entender e organizar o melhoramento genético. Se a humanidade fosse depender apenas das espécies nativas, aquelas que se encontram na natureza, não sobreviveria. São pouco produtivas e de qualidade baixa. No início o homem era caçador e caçador, depois é que ele passou a inventar a agricultura. Aprendeu a semear. Nessa fase ele começou a domesticar as plantas e os animais. Foi quando passou a fazer melhoramentos baseado em seleção. Temos no mundo dezenas de raças de cães, esses animais provieram dos lobos. O homem começou a conviver com os lobos, a fazer seleções e criaram todas essas raças. Isso aconteceu com frutas, com sorgo, com soja, trigo. A base do melhoramento é cruzamento controlado e seleção. As vacas leiteiras originalmente produziam leite suficiente para o bezerro se desenvolver e desmamar. Atualmente, produzem tanto leite que se não forem ordenhadas ficam doentes. Por seleção o homem começou a criar fêmeas cada vez mais produtivas. As modificações

que o homem fez nas espécies são enormes. Acho que só existe uma exceção, os peixes do mar. Esses não foram muito modificados, porque é mais difícil. Peixes de rio todos foram modificados.

Já adquirei morangos lindos, porém sem sabor. Como o senhor explica isso?

É uma variedade que não é boa. É muito bonita, mas não tem sabor. Isso acontece. É fruto de uma seleção malfeita, intencional ou não. Não é um genótipo sem uma propaganda enganosa. São diferenças de variedades: boas ou ruins. Aparentemente são iguais.

O senhor concluiu o curso na Esalq em que ano?

Sou da turma de 1958. Um ano antes, em 1957, eu já tinha uma bolsa. Melhoramento genético é a minha paixão. Eu não faço melhoramento, quem fazia era o Márcio de Souza Dias, a nossa produção de hortaliças era rudimentar e ele revolucionou isso. O Ernesto Paterniani fez melhoramentos com o milho, e outros fizeram melhoramentos em outros produtos. Eu trabalhava para apoiar os trabalhos de melhoramentos. É uma atividade que exige muita avaliação em campo. Minha parte nessa história toda é fazer a parte estatística do melhoramento. Eu não produzia variedades, quem fazia isso eram os colegas, eu dava suporte na genética de populações e genética quantitativa.

Em que ano o senhor foi contratado pela Esalq?

Em 1960 fui contratado como professor assistente, no tempo do professor Friedrich Gustav Brieger. Ele obrigava a dar aulas de tudo, genética, aulas práticas de estatística ligada à genética, Citogenética, a parte celular. Fiz doutorado, passei a ser professor assistente doutor, fiz livre docência e depois fui professor titular. Fiz um mestrado nos Estados Unidos em Estatística Experimental e Genética na Universidade da Carolina do Norte. Estive três vezes nos Estados Unidos, sem



Roland Vencovsky foi Chefe Geral do Centro Nacional de Milho e Sorgo da Embrapa (1979-1984)

pre em estudos, no total foram cinco anos de estudos e pesquisas lá. Aprendia as últimas descobertas, assistia as disciplinas e modificava as disciplinas que dávamos aqui.

O senhor tem um amigo que conheceu em uma dessas viagens e que está visitando o Brasil?

É o Dr. Bruce S. Weir, ele fez pós-graduação quando eu também fiz, na década de 60. Trabalhávamos na mesma sala como pós-graduandos. Passamos a ser amigos, temos desde então um bom relacionamento profissional e pessoal.

Recentemente tem tomado força uma corrente que afirma que as plantas se comunicam entre si. Isso é mais uma fábula?

Nada é impossível. Na época de Santos Dumont grandes pensadores diziam que era impossível voar com um corpo mais pesado do que o ar. Só voavam com balões, que eram mais leves. Santos Dumont voou com o mais pesado do que o ar! Nesse caso das plantas eu não tenho posição formada, mas gosto do pensamento. Tenho o hábito de pensar tudo de forma científica, se alguém me indicar algum tipo de chá que cura determinada doença, a primeira pergunta que faço é onde está a informação a respeito do fato. Há alguma publicação científica do assunto? Os próprios médicos já comprovaram? Eu quero comprovações!

Qual é a importância do melhoramento genético para a economia do Brasil? A Esalq tem colaborado a respeito?

A primeira contribuição é a formação de profissionais. Hoje muitos melhoramentos são iniciativas empresariais. Antigamente não era assim, o Instituto Agrônomo, a Esalq, a Escola de Viçosa, a Escola de Lavras, Escola do Rio Grande do Sul, tinham uma contribuição mais direta, criando variedades, híbridos. Hoje quem participa muito nesse processo de criar variedades é a Embrapa.

Não é frustrante para o pesquisador saber que milhões de pessoas passam fome atualmente, apesar do mundo já produzir alimentos suficientes para todos?

Perde-se muito alimento. Isso é frustrante. Falam da perda de um terço do alimento produzido no mundo. É perdido na lavoura, no transporte, em casa.

Até algumas décadas não existiam estampadas datas de

fabricação e nem de validades dos produtos. Eles eram avaliados para consumo pelo odor, sabor e aparência. Há excesso de zelo com relação a validade de alguns produtos?

Em algumas situações há sim excesso de zelo. A determinação governamental de estabelecer a validade dos produtos é positiva. O objetivo é preaver contra descuido ou má-fé. Estampar a validade é melhor do que produto sem data de validade.

Porque o Brasil não produz trigo?

Produz! Mas sempre teve um problema, o trigo se desenvolve mais em clima de latitude mais alta, Rio Grande do Sul, Santa Catarina. O grande problema do trigo no Brasil são as doenças. Estão sempre produzindo linhagens novas que são resistentes. Durante muitos anos houve excesso de produção de trigo nos Estados Unidos, eles ofereciam no mercado internacional um preço muito atrativo. Os moínhos adquiriam o trigo importado mais barato do que o brasileiro. Isso foi por muitos anos.

O senhor participou da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência?

Particpei. No início era o centro que reunia os pesquisadores. Depois passou a desmembrar em cada especialidade, como por exemplo, a Sociedade Brasileira de Genética, Sociedade Brasileira de Melhoramentos de Plantas, Sociedade Brasileira de Biometria. Com isso, meu interesse voltou-se mais para áreas diretamente ligadas às minhas pesquisas.

A fome é uma questão cultural?

Também! Precisa haver introdução de tecnologia com apoio do governo. Pesquisas de apoio. Participo como consultor de um programa para criar variedades que se desenvolvem bem em regiões onde chove menos, o solo não é tão bom. São as chamadas áreas marginais. Já tem algumas linhagens que são mais tolerantes a seca. A tendência no Brasil vai ser no sentido de tratar variedades de diferentes espécies que se desenvolvam razoavelmente bem, nessas áreas chamadas marginais. O cerrado, por exemplo, é um ambiente complicado. Tem que se criar variedade

des que se dêem bem razoavelmente. Com a genética é possível isso ser feito. Uma mostra disso é a soja, de origem asiática, que no início era cultivada só no Rio Grande do Sul. A Embrapa fez a tropicalização da soja. Hoje a soja é produzida no Mato grosso, em Goiás, a soja está agüentando um ambiente que não era o ambiente natural dela. A mesma coisa aconteceu com a maçã. Não havia maçã, consumíamos uma maçã argentina. A Embrapa entrou nesse esquema também. A maçã para produzir bem precisa de certo número de dias frios no ano. Fizem cruzamentos e seleções, hoje o Brasil é um bom produtor de maçã.

O produtor é relutante em aceitar novas tecnologias?

Ele não muda com muita facilidade. Eu acredito muito no sistema adotado no sul do nosso país, é baseado em cooperativas. São veículos importantes na difusão, em dar apoio. Tive essa noção da importância da difusão por ter chegado o Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo (CNPMS), em Sete

Lagoas, da Embrapa, durante cinco anos. Foi uma solicitação do então ministro Delfim Neto ao diretor da Esalq, o presidente da Embrapa, Dr. Eliseu Alves, havia solicitado a ele que eu fosse indicado em função do trabalho que eu vinha

desenvolvendo. Lá aprendi muito, via a dificuldade que é criar uma novidade tecnológica e fazer com que o produtor aceite. Trabalhava na área de melhoramento, de semeadura, controle de solo, fertilidade. No Brasil é muito comum o cultivo consorciado, milho junto com feijão, na mesma área. A área é bem aproveitada. Um dos colegas sugeriu que fosse feita uma semeadura com duas caixas, uma de milho outra de feijão. Semear as duas ao mesmo tempo. Fizera, entraram em contato com algumas empresas fabricantes de implementos agrícolas em São Paulo, produziram algumas. Só que o projeto não foi levado adiante. O pequeno produtor não gosta de arriscar, faz o que está acostumado a fazer. Acho que o produtor deveria ter um tratamento diferenciado, com juros e taxas menores para o pequeno agricultor. A agricultura é uma atividade de risco. O Brasil será sempre uma fonte de alimentos para o mundo. Tem muitos que defendem o desenvolvimento da indústria, da eletrônica. Acredito que devemos fazer de tudo um pouco. Só que investir neste celeiro do mundo não é ruim não.